

***Babilônia (não!):* Limites de representações reais e folhetinescas do envelhecimento**

Natalia Negretti¹

Resumo: Este artigo busca apresentar e problematizar distintas representações em torno do envelhecimento em algumas novelas da rede globo num período de vinte anos. As ideias de e em torno dos termos idoso e velho, além de não serem excludentes, parecem ser mais complexas quando problematizadas e ligadas a outros marcadores sociais da diferença. A novela pode ser também apresentada como um exercício de análise desta complexidade ao articular representações, comumente emaranhadas de dicotomias, também de felicidade e família. A partir de levantamentos bibliográficos sobre os temas e descrição das personagens e alguns enredos de novelas escolhidas, busca-se refletir sobre persistências e discontinuidades das representações em torno do envelhecimento entrecruzado com outros marcadores sociais da diferença além da idade. Enquanto velhice e terceira idade representam tendências de positivar ou negativar representações de envelhecimento em caráter coletivo, as representações em novelas também apresentam tipos ideais destes e de outros segmentos etários e sociais.

55

Palavras-chave: Envelhecimento. Mídia. Discurso. Representação.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP; Bacharel em ciências sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Abstract: This article aims to present and discuss different representations around the globe aging in some network novels over a period of twenty years. The ideas of and around the elderly and old terms, and are not exclusive, seem to be more complex when problematized and linked to other social markers of difference. The novel can also be presented as a review exercise of this complexity by articulating representations, commonly tangled dichotomies, also of happiness and family. From literature surveys on the topics and description of characters and some plots of novels chosen, it seeks to reflect on persistence and discontinuities of representations around the aging crisscrossed with other social markers of difference beyond the age. While old age and seniors represent trends or be negative for positive aging representation in collective character, the representations in novels also feature ideal types of these and other age and social groups.

56

Keywords: Aging. Media. Speech. Representation

Introdução

A dicotomia, como modalidade de classificação, prevê uma divisão com dois termos, comumente opostos. As dicotomias estão presentes nos imaginários e representações sociais e marcam estereótipos. As dicotomias *ficção* versus *realidade* e *velhice* versus *terceira idade* são os pontos de partida para a análise que este artigo pretende. Se há algo comum minimamente entre envelhecimento, novelas e entornos, este pode ser pautado pela dicotomia, presente e considerada, ao serem analisados, percebidos, aceitos e ou abordados em âmbito temporal, sincrônico e diacrônico², e espacial, de esfera pública e privada.

As novelas, na sucessão de sincronias ao alcançarem atenção de análise social, apresentam a dicotomia *alienação* versus *retrato de realidade social*, enquanto envelhecimento, nesta mesma perspectiva, apresenta como polos principais *ideia de fragilidade* versus *ideia de força*, ambos no singular. Na diacronia do envelhecimento, a ideia de fragilidade apresenta um movimento histórico de fragilização num conjunto de fenômenos sociais e políticos que construíram e desenvolveram novos significantes sem extingui-la por completo do imaginário social, que também funciona em relação.

mobilizar o conceito de memória discursiva pode ajudar a compreender como o movimento do discurso, em sua dinâmica contraditória, tem sua gênese nas práticas históricas, pois estabelece tensões entre a possibilidade de dizer e a força da memória; tensão, a nosso ver, estabelecida pelas condições de reprodução/transformação das relações de produção que intensifica as contradições ao agitar as filiações de sentidos (SILVA SOBRINHO, 2011, p. 2).

O objetivo deste artigo é apresentar o cruzamento das diferentes imagens de envelhecimento nas novelas mediante a sua dicotomia de significados representados pelas nomenclaturas presente não só nestas, mas no imaginário de quem as assiste e que, também, está em processo de envelhecimento. De maneira incisiva, a proposta é apontar o sentido do acompanhamento das abordagens novelescas em relação a outros cenários.

² A partir da dicotomia sincronia versus diacronia, entre outras, Ferdinand Saussure (1995) determinou uma distinção entre fatos sincrônicos e fatos diacrônicos ao tratar da linguagem. Enquanto a sincronia estabeleceria períodos de regularidade num tempo, a diacronia tratar-se-ia da sucessão dessas sincronias.

Sobre velhas e novas miradas

Falar de periodização da vida e das relações entre gerações traz uma oportunidade de compreensão das formas de sociabilidade em diferentes contextos e em sociedades distintas. Segundo Guita Grin Debert (1999), a velhice não é um fato social total e, como tema de pesquisa, enfrenta três dificuldades caracterizadas por: categorias culturalmente produzidas (que possuem como referências alguns aspectos universais), questões ocidentais que passaram a ser enxergadas como problema social, e temas que institucionalizaram um discurso científico especializado, o gerontológico.

Tomado como objeto de estudo, o envelhecimento se constitui um problema de natureza ético-política (TÓTORA, 2008). A produção do sujeito velho nos informa relações de poder. Ao pensar a partir do termo problematização³ a autora nos informa sobre as distintas formas que de intervenção e soluções que a abordagem do envelhecimento no ocidente gerou. Nesse sentido, problematizar a velhice na contemporaneidade poderia ser uma forma de comprometer-se com o combate à submissão da subjetividade, além das formas de dominação e exploração.

A gerontologia seguiu o construtivismo social, priorizando a desconstrução radical de imagens negativas do envelhecimento e para ele elaborando um imaginário positivo. A invenção da terceira idade ocorreu a partir da adesão a um novo estilo de vida, passando essa nova categoria etária a ser utilizada não mais exclusivamente em discursos acadêmicos e ou profissionais, como também nos meios de comunicação, sendo estendida para um uso corrente socialmente mais amplo. Um dos marcos deste contexto de transformações é representado pelo conceito de “terceira idade”. Este termo foi criado por Pierre Vellas na França na década de 1960 ao criar a primeira Universidade para este público especificamente e hoje é usado para designar a fase inicial da velhice (NERI, 2007). Este conceito é fruto do discurso gerontológico como enfrentamento à noção negativa do termo velhice.

³ “problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma de reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.)” (FOUCAULT, 2004, p. 242, apud TÓTORA, 2008, p. 22)

Os estudos e abordagens do envelhecimento apresentam uma construção histórica e representam uma luta do campo saber-poder (FOUCAULT, 1982) a partir dos anos 1970 (DEBERT, 1999; PEIXOTO,1998), ganhando novos contornos e a origem do significante de terceira idade (BIRMAN, 2013).

Os discursos constroem identidades e os sujeitos. Entendendo que discursos, não são só aqueles que são lidos ou que estão nos livros ou documentos mas são também as imagens veiculadas, sejam elas impressas, televisivas, cinematográficas, ou outras, como o próprio corpo. Os discursos vêm de autoridades e de trabalhadores sociais, utilizando a expressão de Foucault, e são assimilados e ressignificados conforme interesses pessoais ou de grupos. A partir de diferentes fontes discursivas, podemos entender o envelhecimento também enquanto representação (MARQUES, p. 67).

As novelas, nesta mesma década, se consolidaram como um produto comercial no Brasil e desde então se tornaram, sob esta perspectiva, um meio de presença da televisão no cotidiano de sujeitos-espectadores. A investigação de como as pessoas retratadas pela mídia atribuem significados de tais conteúdos é pertinente e inclui uma outra perspectiva de recepção. Além disso, a televisão é articulada ao envelhecimento, bem como aos usos da televisão de distintas maneiras (ACOSTA-ORJUELA, 2001; JANUZZI & CINTRA, 2006; RUBERT, 2003; (WICHMANN, F. M. A et al, 2011).

Pessoas de qualquer idade usam a TV como fonte de aprendizagem; o que não significa que elas assistam exclusivamente a programas estritamente informativos ou educativos. As pessoas também aprendem vendo programas dos mais variados tipos, como novelas, filmes ou qualquer tipo de programa de entretenimento. Eles são usados para o aprendizado sobre nós mesmos (assumindo o que se observa como conselho para solucionar problemas pessoais, de ordem afetiva, social, para tomar decisões, obter esclarecimentos e conhecer idéias para interpretar estados próprios, situações e eventos, adotar critérios de auto-avaliação e comparação, orientar-se perante problemas de saúde, etc.), sobre o mundo exterior (assuntos profissionais, políticos, econômicos, internacionais, como funciona a sociedade, etc.) e sobre os outros (como se deve, ou não, lidar com outras pessoas, solucionar problemas familiares e interpessoais, fazer amigos, influenciar pessoas, como se comportar em diferentes situações, como reagir diante de eventos, de pessoas de outras raças, sexo, ocupações, costumes, lugares e estilos de vida diferentes).(ACOSTA-ORJUELA 2001, p. 25)

Em sua pesquisa (RUBERT, 2003) dissocia a certeza de televisão como lazer e também da ideia de uma especificidade da terceira idade:

Apenas uma pessoa afirmou assistir televisão no tempo livre, quando não tem outras atividades. Outras, apesar de assistirem, não associam isso ao tempo livre; algumas, ainda, não consideram assistir televisão atividade de tempo livre, talvez pelo fato de estarem com ela ligada fazendo outras coisas. Isso provavelmente ocorre, porque o ato de assistir à televisão já está internalizado nas pessoas. (RUBERT, 2003, p. 280).

Ao grande cenário de dicotomias apresentadas, soma-se uma dicotomia comum aos temas aqui já referidos, novela e envelhecimento: a dicotomia entre público-privado. No que diz respeito à temática velhice, o indisfarçável envelhecimento (ROZENDO & JUSTO, 2012) a partir dos anos 80 conduziu a uma rearticulação da esfera do envelhecimento. Do cunho privado da velhice à sua publicização (DEBERT, 1994) houve um remanejamento intenso de novas narrativas de e em torno de novos personagens na agenda pública.

A transformação segundo os autores seria ainda um “processo de transição da sociedade e da cultura brasileira da juventude para a maturidade” (ROZENDO & JUSTO, 2012, p. 36) foram tanto legitimadas quando reproduzidas no discurso e ações jurídicas conforme produções legais referentes ao envelhecimento. A legislação significou a entrada concreta do Estado na gestão do envelhecimento. Tornou-se um produto desta intervenção, bem como definição do domínio frente à dicotomia doméstico-familiar. Junto desta legislação o trato da velhice abarcou o conhecimento científico como substituinte de orientações do senso comum e religiosas. As novelas, ao serem percebidas e problematizadas como parte constitutiva do cotidiano dos telespectadores e fonte de reflexão, mediante a perspectiva de retrato e diálogo social entre ficção e realidade, estão também em torno da dicotomia público-privado.

Entre o público e o privado, as novelas, bem como outras fontes midiáticas, acompanham os novos discursos e persistências paradigmáticas do campo da velhice a partir das rearticulações deste. O acompanhamento e o diálogo em torno do discurso estão presentes nos rearranjos das personagens-ficcionais, novelescas, durante os anos em que as personagens-reais, espectadoras, assumiram outros papéis sociais. Além de um produto comercial, as novelas passaram a configurar uma linguagem emaranhada de representações e

significações em meio a suas imagens e sons em seu movimento. Na década seguinte, nos anos 80, no emaranhado de novos objetos de pesquisa, as questões de gênero e vida privada passaram a constituir problemas definidos como de cunho sociológico num sentido mais amplo.

A novela, diante da perspectiva de retrato social, reflete processos sociais não estranhos à sociedade. Nesse sentido também está o crescimento de interesse em investigações que a considera. As famílias são elementos constantes nos enredos e nas análises destes. É no cenário de grandes difusões discursivas que a mídia assume um *palco sociológico de análise* acerca do envelhecimento. De maneira enfática, podemos apresentar as novelas, que estão como protagonistas de representações dos cruzamentos da idade a outros marcadores sociais da diferença, bem como de arranjos familiares. Heloisa Buarque de Almeida nos atenta ao vínculo das novelas com personagens ideais de família, inclusive esta como chave para dimensões íntimas, de cunho doméstico e de subjetividades:

Os roteiristas revelam que, para que a novela funcione e atraia de fato “a família toda”, é preciso ter personagens de diversas faixas etárias e estilos de vida numa mesma narrativa. Se possível, o texto deve apresentar pares românticos adolescentes, jovens, de meia idade e mesmo idosos para garantir essa capacidade de interessar a todas as faixas etárias, assim como de diversas classes sociais, como suas audiências. (ALMEIDA, 2007, p. 184)

DEBERT (2003) nos aponta o forte vínculo entre publicidade e envelhecimento a partir dos anos 80 e informa sobre a sobrevivência da dicotomia no imaginário social: “nos comerciais brasileiros (...) as representações antagônicas da velhice – dependência e poder – estão presentes em propagandas que podem ser apresentadas num mesmo intervalo comercial” (DEBERT, 2003, p. 136).

Personagens nos cenários legislativos

No arcabouço de novas perspectivas e complexidade da temática velhice, a Constituição de 1988 criou um campo legal para velhice. Como assunto do Estado, esta assumiu esta uma personalidade jurídica (ROZENDO & JUSTO, 2012). “Conhecida como Constituição Cidadã, essa Constituição Federal celebraria os direitos universais do homem, após um longo período de ditadura militar e privações de liberdades civis e políticas” (ROZENDO & JUSTO, 2012, p. 39).

Em 1994, a Política Nacional do Idoso, instituída pela Lei 8842/94, sob a perspectiva de respostas a reivindicações sociais a partir da década de 70 e orientadas por disputas relacionadas ao processo constituinte de 1988, recomendou ações e posicionamentos sobre a questão dos já na época chamados idosos. Tratar-se-ia de assegurar os direitos sociais dos que assim passaram a ser nominados embora ainda pudessem estes denominar antigas questões ou ainda persistentes. A lei referida estipulou normas a favor de promover a autonomia e integração, bem como a participação dos idosos na sociedade. Num sentido extremamente importante para a especialização dos saberes sobre a temática, esta lei também trata da inclusão da Gerontologia e da Geriatria nos currículos de cursos superiores, inserção nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto e desenvolvimento de programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento.

Diante da grande difusão do campo geriátrico e gerontológico em âmbito internacional e partindo de diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2003 foi formulado o Estatuto do Idoso. Este, de acordo com o primeiro artigo, é destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. As mudanças de nomenclatura a respeito do envelhecimento estão ligadas a dinâmicas políticas e sociais. O deslocamento sugestível e sugerido ao plural indica multiplicidade. Não obstante disso, há de ser considerada a longevidade e medicalização do espaço social em “sentido multi-etário”. Neste palco a velhice passa a constituir uma problemática e objeto de problematizações em registros tanto científicos quanto sociais e éticos (FOUCAULT, 1994; BIRMAN, 2003).

Acrescentando cenários e bastidores folhetinescos

Uma bela mentira encontra mais seguidores que uma verdade feia.

Mario Quintana.

História de Amor

Em 03 de julho de 1995, cerca de um ano após a Lei 8842/94, a Novela História de Amor, de Manoel Carlos passou a ser exibida às 18:00 na rede globo. Esta novela tem autoria de Manoel Carlos e colaboração de Elizabeth Jhin, Marcus Toledo e Maria Carolina. Foi dirigida por Ricardo Waddington, Roberto Naar e Alexandre Avancini.

A novela tinha como personagem principal Helena (Regina Duarte)⁴, uma corretora de imóveis, pertencente à *classe média* e mãe de Joice (Carla Marins), uma adolescente que engravidaria solteira. Helena até certo momento da trama desenvolve uma relação de dependência financeira parcial do antigo *amasio*, conforme as falas de Rafaela (Marly Bueno) quando a ofende⁵. Helena se apaixona, durante a novela, por Carlos (José Mayer), um médico que se separa de Paula (Carolina Ferraz), uma mulher mais nova e que passa a receber pensão após o divórcio sem a pretensão de trabalhar. Paula, mesmo quando ainda casada, tem constantemente necessidade de aprovação da avó de Carlos, uma senhora de camadas abastadas do Rio de Janeiro, que atinge os noventa anos, Olga (Yara Côrtes) e que apresenta noções de experiência a respeito da vida, bem como ideias de uma força de mulher necessária, representada enfaticamente pela protagonista da novela. Além disso, Olga faz referência ao amor no passado, como pertinente à idade adulta e juventude. Olga recebe em sua casa o filho, a nora e os outros dois netos, todos recém-chegados da Itália. Tem em sua casa como empregados domésticos uma cozinheira, Nazaré (Maria Alves), um motorista, Ernani (Jorge Coutinho) e Kátia (Joyce Santos), uma personagem que vislumbra em certa medida a figura de *cuidador*⁶. Olga apresenta uma boa maneira

⁴ Uma questão interessante desta personagem é sua apresentação e composição de mulher com mais de quarenta anos com cabelos longos.

⁵ A ideia de ilegalidade vinculada a uniões estáveis nas avaliações jurídicas parecem ter resquícios no sentido social mais amplo mesmo após a Lei 6.515/77, que autorizou o divórcio entre os casais. As relações estabelecidas entre pessoas não conformáveis às leis estabelecidas pelo código civil, o termo *amasia(o)* configura uma convivência entre indivíduos publicamente.

⁶ Profissional que acompanha o cotidiano de idosos em atividades cotidianas e não necessaria-

de envelhecer e faz jus à figura da idosa no sentido da abordagem de Mascaro (1997) ao relacionar abundâncias, sociais e econômicas, e reconhecimento de sabedoria e liderança.

Nesta mesma novela há um casal de personagens interessantes para a abordagem que pretende este artigo. No mesmo rol de advento da terceira idade existe a personagem Zuleika (Eva Wilma), mãe de Paula. Presa à nova realidade, a falência do marido, Zuleika estima o casamento de sua filha e após a cerimônia, apresenta a vontade de enfrentamento e procura de novas emoções. Passa a fazer ginástica, sonha com uma cirurgia plástica e começa a trabalhar na clínica de Carlos mesmo após a separação deste e sua filha. O trabalho prevê noções de etiqueta que Zuleika carrega em sua trajetória. Esta personagem marca de maneira incisiva a busca pelo autoconhecimento, beleza e juventude, contemplando características chave da representações de terceira idade. O marido de Zuleika, Rômulo (Claudio Côrrea e Castro), é um engenheiro falido, que mantém os três empregados domésticos, Mendonça (Fernando Wellington), Chica (Ilva Niño) e Neusa (Mônica Carvalho), com salários atrasados, fuma charutos, bebe muito whisky e adquire enfisema pulmonar. Rômulo demonstra certa dificuldade em se enquadrar na possível aposentadoria, um elemento também problematizado como demarcador social da velhice.

Embora detentores de características importantes para a referência à figura idosa, tanto Olga quanto Zuleika e Rômulo buscam e vivenciam emoções no plano afetivo, distanciando-se da questão de sexualidade na terceira idade, pouco difundida midiaticamente neste período. Além disso, é importante ressaltar que as duas personagens femininas idosas desta novela elucidam a mulher como quem detém o cuidado e intimidade das famílias. Enquanto Zuleika cuida da saúde do marido e aconselha a filha sobre relações amorosas e outras que tangem a sociabilidade e moralidade, Olga usa sua experiência do *passar dos anos* para manter a família unida mediante a tantas mudanças na estrutura de tal instituição e transita sobre tolerâncias ao apoiar o namoro tanto do neto Carlos com Helena, mãe solteira e quem foi amasia por muitos anos, quanto do neto Bruno (Claudio Lins) que se apaixona por Joice já grávida de outro rapaz. .

mente pertencente à área da saúde.

Olga e Zuleika, com peso na família a partir de suas experiências no trânsito da idade e pelo curso da vida, marcam trajetórias tanto passadas quanto futuras na trama. As gerações estão inseridas nos conflitos das Personagens Olga e Zuleika e relembram a coexistência de papéis específicos na família e no campo público. “As gerações são geradas na família, as idades são institucionalizadas política e juridicamente” (DEBERT, 1999, p.49).

No que tange a um envelhecimento de outras classes sociais, há na novela um casal de empregados domésticos, Urbano (Sebastião Vasconcelos) e Dalva (Ana Rosa). Urbano é caseiro da chácara de Gregório (Sérgio Viotti) e Silvana (Beatriz Lyra) em Teresópolis, enquanto Dalva cozinheira. As duas personagens, durante a trama, mudam para a casa principal dos patrões, no Rio de Janeiro. Urbano é caracterizado como um homem rude e desconfiado, que tem receios de cidade grande. Dalva é qualificada como uma mulher ambiciosa que tenta migrar de uma posição subalterna à reconhecimento social a partir do apoio na trajetória de seu filho, Caio (Engelo Paes Leme), que é apresentado aos espectadores como um 2º filho de Silvana.

Mulheres Apaixonadas

Em 2003, mesmo ano da fundação do Estatuto do Idoso, às 21:00 do dia 17 de fevereiro de estreava a novela *Mulheres Apaixonadas*, que durou até 11 de outubro do mesmo ano. Com autoria de Manuel Carlos, colaboração de Maria Carolina, Fausto Galvão e Vinícius Vianna e direção de Ricardo Waddington, Marcelo Travesso, Rogério Gomes e José Luiz Villamarim, a novela *Mulheres Apaixonadas* contemplou um número bem maior de personagens que envelheciam, bem como os conflitos possíveis entre gerações. Trataremos de alguns que tiveram mais referências em comentários críticos sobre a televisão.

Formadores de uma família de classe média. Flora (Carmen Silva) e Leopoldo (Oswaldo Louzada) formam um casal de idosos que elucidam a, já na época apontada, condição de um grande número de idosos como arrimo de família e ou parte deste. As duas personagens são os pais de Carlão (Marcos Caruso), um homem de meia idade que não consegue emprego estável e recebe ajuda financeira a partir da aposentadoria de seus pais. Sua esposa, Irene (Marta Melinger), visa o contorno da instabilidade financeira da casa.

Os netos de Flora e Leopoldo caracterizam questões importantes em relação à violência contra a Pessoa Idosa. Dóris (Regiane Alves), a neta mais velha, incomodada em dividir o quarto com o irmão, defende que seus avós passem a dormir, conforme a fala da personagem, no quarto de empregada do apartamento. Além disso, em diversos capítulos, há ênfase na impaciência de Dóris em relação ao casal, bem como cenas de roubo de dinheiro. Seu irmão, em vetor oposto, Carlinhos (Daniel Zettel), além de paciente é muito carinhoso com os avós e representa a necessidade de diálogo e atenção à pessoa idosa como prevê o discurso precursor e consequente do Estatuto do Idoso, que também faz dinâmica com a dicotomia do envelhecimento em suas pontas de nomenclatura. O sujeito velho está potencialmente amarrado à ideia de fragilidade e vítima violência como o idoso corresponde à força e respeito.

A próxima vítima

Do autor Silvio de Abreu, colaboração de Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira e direção de Jorge Fernando, Rogério Gomes e Marcelo Travesso, a novela *A Próxima Vítima* fez muito sucesso entre 13 de março e 04 de novembro de 1995. Exibida às 20:30, mas conhecida como “uma novela das 09”, tratou-se de um suspense e tinha como cenários constantes o bairro Morumbi, Mercado Municipal e Mooca, todos em São Paulo. A trama fazia muita referência às gerações de imigrantes italianos. Nesta novela, três personagens, que eram irmãs, faziam menção ao envelhecimento e representações de mulher, bem como noções de sucesso, frustração, força e fragilidade.

Filomena (Aracy Balabanian) Chefe da família Ferreto, dona frigorífico na zona este de São Paulo. Mesmo não a mais velha das irmãs, representa a liderança da família e rigidez. É casada com Eliseo (Gianfrancesco Guarnieri), mas se recusa a usar o sobrenome do marido. Carmela (Yoná Magalhães) é a irmã mais nova de Filomena (Aracy Balabanian) e Romana (Rosamaria Murtinho). É conhecida como Cacá. Agitada, ansiosa e muito vaidosa, expressa ressentimento, não tanto por ter sido abandonada pelo marido, mas mais pelo estigma que carrega em torno da situação. Ao longo da novela, tem um envolvimento com Adriano (Lugui Palhares), mais novo do que ela. Romana (Rosamaria Murtinho) é a irmã mais velha de Filomena e Carmela. Esta personagem morou muitos anos em Florença, na Itália. Tem um gênio mais próximo ao da líder da família

e um casamento com Bruno (Murilo Borges), que a chama de Mama e é muito mais novo também.

Passione

Também do autor Silvio de Abreu e com cenas de mistérios e crimes, a novela *Passione* teve colaboração de Sérgio Marques, Vinicius Vianna e Daniel Ortiz. Foi dirigida por Carlos Araújo e Luiz Henrique Rios, Natalia Grimberg, Allan Fiterman e André Câmara. Exibida às 21:00 entre 17 de maio de 2010 e 14 de janeiro de 2011, a trama girou em torno de vinganças e paixões. O cenário desta novela também é a cidade de São Paulo. Na trama há quatro personagens representantes do envelhecimento:

A personagem Brígida (Cleyde Yáconis) é uma mulher ativa e geniosa, a personagem é respeitada e temida na família pelo mau-humor. Esposa de Antero (Leonardo Villar), mãe de Eugênio (Mauro Mendonça) e sogra de Bete (Fernanda Montenegro), com quem tem um conjunto de discussões. Os conflitos com o marido giram em torno de ciúmes e mágoas antigas. Antero Gouvea (Leonardo Villar), marido de Brígida e também pai de Eugênio e sogro de Bete, pertence à classe abastada paulistana. Vive como se estivesse no período de sua juventude e tem diversas manias, como a esposa. Representa um grande companheiro da esposa e, apesar de temperamentos opostos, os dois preservam a união.

Diógenes (Elias Gleizer), chofer da família Gouveia, representa um envelhecimento de classes populares e não há informação sobre sua aposentadoria. Diógenes é viúvo e é pai de Mauro (Rodrigo Lombardi). Criou o filho na casa dos patrões. Tem um bom relacionamento com Brígida e alguns conflitos, de caráter cômico, com Antero. A intimidade entre empregado doméstico e a família empregadora parece ligada aos muitos anos de convivência. Ao longo da novela, o romance entre esta personagem e a patroa é revelada.

A personagem Bete (Fernanda Montenegro) é apresentada aos telespectadores como uma forte e generosa, além de empreendedora, já que ajudou o marido a construir a Metalúrgica Gouveia, propriedade e fonte de renda da família toda. Na trama, quando seu marido morre, se torna responsável pelos sogros, Antero e Brígida. Também em processo de envelhecimento, a personagem, junto às figuras dos sogros mais velhos que ela, faz luz à *geração pivô* (MOTTA, 2010). A autora nos informa que além das diversidades de

gênero, de classe social e de raça no interior de grupos etários idosos, há um destaque de outra diferenciação no âmbito familiar, de cunho etário e geracional. Tratar-se-ia a diferença “entre de idosos jovens e velhos mais velhos (...) A reconhecida heterogeneidade do segmento idoso da sociedade cresce com o atual e continuado aumento da longevidade, estendendo-se ao interior da própria condição geracional.” (MOTTA, 2010, p. 437).

até mesmo para as gerações idosas o tempo de formação foi e está sendo cada vez mais diversificado, assim como as vivências e a própria extensão do percurso de vida já vencido. O que as pesquisas atuais começam a levantar e precisam aprofundar. Revelar o jogo desigual das relações entre as gerações, tanto em sua trajetória social como na pessoal, cotidiana, e incluir aquelas pouco estudadas, como algumas intermediárias (pivôs) e as “finais” (centenários), para completar o cenário social e particularmente o desse fenômeno único da contemporaneidade, a família multigeracional. (MOTTA, 2010, p. 438).

A personagem Valentina (Daisy Lúcidí) é uma senhora viúva e dona de uma pensão no bairro Tatuapé. Tem um jeito meigo e “engana” as outras personagens da novela por um período considerável. Valentina é avó de Kelly (Carolina Macedo) e Clara (Mariana Ximenes), a vilã protagonista da novela e com quem tem uma relação conflituosa. A personagem idosa aliciou a neta mais velha na prostituição no passado e tenta, na trama, fazer o mesmo com a neta mais nova. Valentina rompe com a bondade estereotípica da senhora boazinha, conforme a apresentação do idoso idealizado de Villas Boas Cômcone:

o “idoso idealizado” é objeto de respeito, “pela sabedoria acumulada”, pela “experiência”, pela “memória”. A idealização do idoso é a contrapartida e o reforço da negação de fato. Nessa linha de idealização respeitosa jamais entraria em consideração que um idoso no ônibus na hora do rush pudesse ser, por exemplo, um “velho batedor de carteiras”... Por quê? Porque parece um contrasenso. Afinal é um idoso, por definição indefeso e “bom”. No idoso de carne e osso, entretanto, a sabedoria é relativa, a experiência ultrapassada, a memória repetitiva e a bondade cansativa ou inexistente. (CONCONE, 2007, p. 21)

Babilônia (não!)

Doze anos depois, em 2015, antes da estreia da novela, em larga difusão se comentava sobre um casal de lésbicas idosas que a novela *Babilônia* apresentaria a partir de duas valorizadas atrizes brasileiras. Exibida entre 16 de março e 28 de agosto de 2015, foi escrita por Gilberto Braga com a colaboração de Sérgio Marques, Ingrid Isciovic, Ângela Carneiro, Chico Soares, Fernando Rebello, João Brandão, Luciana Peçanha e Maria Camargo. A novela possui direção geral de Maria de Médcis, bem como do núcleo de Dennis Carvalho.

Na trama, as personagens Estela (Nathalia Timberg) e Teresa (Fernanda Montenegro) são duas mulheres de classes altas cariocas que compartilham a mesma casa há muitos anos, sem período específico informado. Criam o neto Rafael (Chay Suade), a favor do casamento homossexual e que se apaixona por Laís (Luisa Arraes), filha do político Aderbal Pimenta (Marcos Palmeira) que, sob certa perspectiva, lembra uma caricatura da intolerância homossexual e homoafetiva.

O destaque da novela girou em torno beijo de Estela e Teresa e causou diversas falas, no senso comum e em bancadas políticas, contra a continuidade de cenas com algum teor sexual entre tais personagens. O repúdio, formal e informal, causou recuo da trama quanto à temática homossexual entrecruzada com a velhice e nos revela as dificuldades de se pensar não só a velhice entrecruzada como marcadores sociais da diferença, mas também nas barreiras de aceitação que estes apresentam em si.

Considerações Finais: a procura de mudanças e encontro de limites nas representações da velhice em novelas num período de vinte anos

Babilônia Não! como escolha de título para este artigo tem o objetivo de apontar o muro tênue entre as representações de *velhice* e de *velhices* sob o ponto de vista de heterogeneidade presente nas trajetórias e discursos que o segundo conceito carrega. Além disso, o título prevê a dificuldade de outras representações de envelhecimento tanto nas novelas quanto nas narrativas fora das telas. Do ponto de vista de *velhices* como ideia que contempla a diversidade interna de grupos considerados idosos e, a partir da heterogeneidade, distintas trajetórias possíveis, a questão da sexualidade parece ser ignorada simbolizando certo incômodo, mas mais ainda, se a partir de vínculos homoafetivos.

As velhices para serem bem gestadas, por idosos e por espectadores, ainda têm muitos desafios oriundos de discursos presentes e persistentes também em outras categorias etárias. As questões vinculadas à sexualidade e gênero *nas velhices* nos informam os rígidos discursos do curso todo da vida. Entre as perspectivas de ponta do envelhecimento, a da miséria, que contempla a imagem de abandono e solidão, e a de fonte de recursos, cuja imagem está ligada à atividade e criatividade e capacidade de oferecer respostas às mudanças sociais, existem muitas brechas que ativam a necessidade de cruzamentos com os marcadores sociais da diferença. Mais do que aproximar o envelhecimento de uma perspectiva ou outra, é importante dinamizarmos outras representações. O plural das velhices a partir da experiência contempla representações e vivências que esta dicotomia também não dá conta.

Se mudanças e diversidade nestes vinte anos em novelas podem ser percebidas nas representações de terceira idade estas parecem apresentar um limite, bem como mais de uma prescrição. Estas também nos informam que este termo terceira idade, que positiva os processos de envelhecimento, não exclui o termo velha(o) do imaginário social, ora sob questões persistentes na discussão deste tema e suas dicotomias ora sob questões estruturantes das moralidades, inclusive inter-geracionais. Os “defeitos” de personagens culminam no chamamento velho e seus entornos pejorativos. As fronteiras entre os termos que designam velhice e terceira idade e seus significados se apresentam discursiva, geracional e moralmente.

Referências

ACOSTA-Orjuela, Guillermo Maurício. *Como e Porque idosos brasileiros usam a televisão: um estudo dos usos e gratificações associados ao meio*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2001.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. (2007). Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. *Revista Estudos Feministas*, 15(1), 177-192. Retrieved September 24, 2015, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X20070001000011&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0104-026X200700010001

BORELLI, SILVIA HELENA SIMÕES. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 29-36, jul. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000300005>.

CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. Debate: Medo de ser ou de parecer. *Revista Kairós*, São Paulo, 10(2), dez. 2007, pp. 19-44. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view2588>>. Acesso em: 26 set. 2013.

DEBERT, Guita Grin. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n° 34, ano 12. São Paulo: ANPOCS, jun/1997. pp. 39 – 56.

_____. Pressupostos da Reflexão Antropológica Sobre a Velhice. In.: DEBERT, G. G. (org) *Antropologia e Velhice*. Textos Didáticos, n° 13. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998. pp. 7 – 27.

_____. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Revitalização do Envelhecimento*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

_____. O velho na propaganda. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 21, p. 133-155, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Out. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200007>

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. Ditos e Escritos V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.

JANNUZZI, Fernanda Freire; CINTRA, Fernanda Aparecida. Atividades de lazer em idosos durante a hospitalização. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 179-187, June 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342006000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Jul. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342006000200005>

MASCARO, S.A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MARQUES, Ana Maria. *Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade*. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. pp. 66-71, jan. 2004. ISSN 2175-7976. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/336>>. Acesso em: 10 out. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/336>.

MOTTA, Alda Britto da. *A família multigeracional e seus personagens*. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111, p. 435-458, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 5 ago. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302010000200008>.

NERI, A L. - *Envelhecer num País de Jovens: Significados de Velho e Velhice Segundo Brasileiros Segundo Brasileiros Não Idosos*. Campinas: UNICAMP, 1991.

_____. *Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESCSP, 2007.

PEIXOTO, C. *Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade*. In: Barros MML de. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV; 1998. p. 69-84.

ROZENDO, Adriano e JUSTO, José Sterza. "Fundo Nacional do Idoso" e as políticas de gestão do envelhecimento da população brasileira. *Rev. psicol. polít.* [online]. 2012, vol.12, n.24, pp. 283-296. ISSN 1519-549X.

_____. Sentidos e espaços da velhice na legislação brasileira. Coleção Temas em Saúde Coletiva - *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*. 2011, vol. 13, p. 35-58. ISBN 85-88169-01-0

RUBERT, Vanessa. Lazer e mídia na terceira idade: um estudo sobre representações sociais. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 20-21, p. 273-286, jan. 2003. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/935>>. Acesso em: 25 Jul. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/935>

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA SOBRINHO, H. F. *Discurso, Velhice e Memória Discursiva: tensões nas redes e trajetos de sentidos*. In: IV Encontro de Estudos da Linguagem e III Encontro Internacional de Estudos da Linguagem - INTERNACIONAL, 2011, Pouso Alegre. Anais Enelin 2011, 2011. v. 1. p. 01-07.

TÓTORA, Silvana. 2008. *Apontamentos para uma ética do envelhecimento*. Revista Kairós. Jun. 2008. São Paulo. Vol. 11, n 1, p. 21-38.

WICHMANN, F. M. A. ; AEROSA, Silvia ; BENITEZ, Lisianne Brites ; LEPPER, L. ; CARDOSO, C. M. C. ; Etiane Pereira Moreira ; Evelin Wegner . *Envelhecimento, Mídia e Sociedade. Revista On line Contexto e Saúde da UNIJUI*, v. 10, p. 1, 2011.